

O CAPITÃO TESTA SEU FÔLEGO

A sequência de *Tropa de Elite* toma de assalto o circuito exibidor. Números impressionam, mas há razão para tanto?

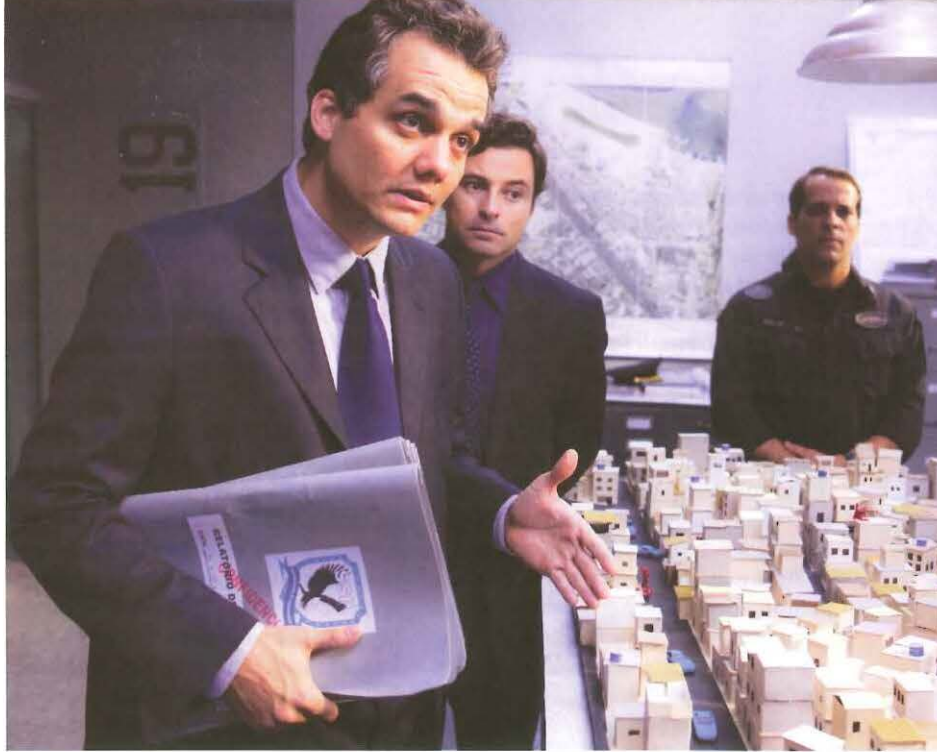
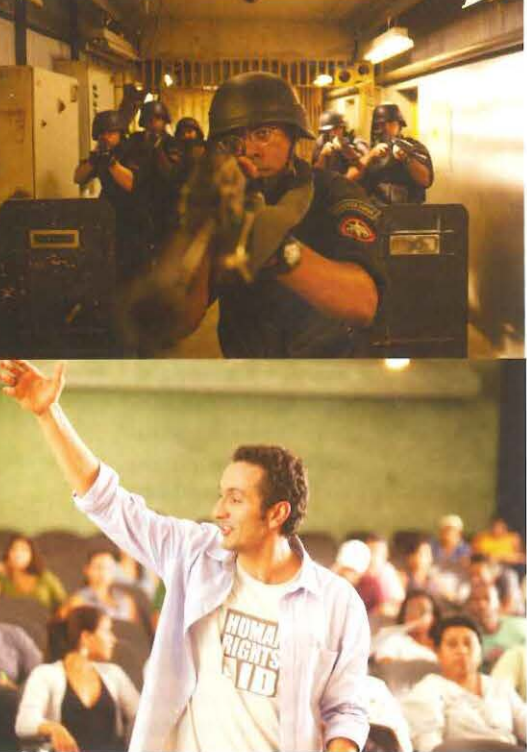
Por Fábio Fujita
Fotos/Divulgação*

No mundo maravilhoso do Capitão Nascimento havia mocinhos e bandidos – mais mocinhos porque, os bandidos, ele e seus asseclas do Bope (a polícia especial do Rio de Janeiro) tratavam de eliminar. Foi com essa premissa rasteira que o filme *Tropa de Elite*, lançado em 2007, tornou-se um fenômeno de visibilidade. Não apenas pelos estimados 11 milhões de DVDs que teria vendido na pirataria antes mesmo da estreia do filme, mas por gerar acalorados debates públicos sobre a engrenagem do tráfico de drogas e o papel da sociedade e da repressão nessa história. Para José Padilha, o diretor, os ditos progressistas apontavam o dedo acusatório: ele rodara um

filme de alma fascista. A constatação se baseava no próprio comportamento do público, que, em grande parte das sessões, aplaudia as cenas em que os policiais tocavam o terror no morro, em busca do paradeiro do cabeça do tráfico, Baiano. Bater em bandido não só é legítimo, o filme deixava nas entrelinhas, como esperável. Alborghetti resiste em muitos corações.

Pois que, três anos depois de toda a repercussão obtida pelo filme, Padilha reaparece com *Tropa de Elite 2 – O Inimigo Agora é Outro*, com o mesmo elenco-base do primeiro, repetindo Wagner Moura no papel de Nascimento. Continuações são incomuns no cinema brasileiro, exceção feita aos casos que focam targets específicos, como o

filão infantil da franquia *Tainá* ou a base da audiência pasteurizada da Globo, garantia de consumo para o entretenimento oferecido pelos dois *Se Eu Fosse Você*. *Tropa de Elite*, no entanto, não se enquadra em nenhuma dessas vertentes. É, em tese, representante do típico cinema social brasileiro, de denúncia. Tanto que foi coroado com o Urso de Ouro no mais político dos festivais, o de Berlim – prêmio outrora obtido por *Central do Brasil*, de Walter Salles. Quando rodou o primeiro *Tropa*, Padilha certamente não projetava que iria estender a história num segundo episódio; talvez nem sequer imaginasse que o impacto do primeiro *Tropa* teria junto a crítica e público. Repetir o caminho de *Cidade de Deus* – eterno marco da



Lançado com 700 cópias, segundo episódio do filme de José Padilha promove Wagner Moura de capitão a Subsecretário de Segurança do Rio: projeto copiosamente pensado “para dar certo”

estética *favela movie*, que iluminou o nome do Brasil na cena internacional – já seria um feito e tanto. Mas ficou abaixo: levou 2,5 milhões de espectadores aos cinemas, enquanto o filme de Fernando Meirelles fez pelo menos 1 milhão a mais. Como, então, justificar uma continuação para *Tropa de Elite*?

Nascimento também é pop

Não é absurdo especular que as perdas obtidas no primeiro filme para o mercado genérico podem ter contribuído para a extensão do projeto. A legendaria Cacilda Becker já dizia: “O artista não pode dar de graça a única coisa que tem para vender, que é a sua arte”. Desta vez Padilha armou um esquema de guerra para se proteger. A sala de mixagem do filme contou com câmeras de vigilância operando por 24 horas e cada uma das cópias foi feita com uma marca-d’água para que, em caso de pirataria, fosse possível saber em qual cinema o crime foi cometido. Além disso, Padilha realizou uma única pré-estreia, na cidade paulista de Paulínia, fazendo com que todos os convidados deixassem na chapelaria seus telefones celulares. A curiosidade é que foi o próprio Bope, na pessoa de Rodrigo Pimentel – autor do livro *Elite da Tropa*, base do roteiro do primeiro filme – quem montou a operação antipirataria.

Mas a acusação de fascista, endossada por publicações internacionais do

porte da francesa *Cahiers du Cinéma* e da americana *Variety*, certamente incomodou Padilha, cineasta egresso do documentário e, em tese, alinhado com um pensamento bem longe da direita. Seu interesse pelo Bope se deu exatamente quando realizou *Ônibus 174*, em que contava a tragédia social brasileira personificada em Sandro do Nascimento. Sobrevivente do episódio conhecido como Chacina da Candelária, Sandro sequestrou um ônibus com diversos reféns, em pleno centro do Rio. O episódio caminhava para um desfecho pacífico, até que um agente do Bope disparou contra Sandro, acertando de raspão a mulher que o sequestrador usava como escudo. Ambos morreram. Nas entrevistas de divulgação de *Tropa de Elite 2*, Padilha comentou que, até *Ônibus 174*, o cinema brasileiro sempre fora essencialmente marxista e que, por isso, teve o insight de querer mostrar a perspectiva da polícia, em seus dramas e angústias.

Mas, se lá no primeiro filme o Capitão Nascimento vivia fechado em sua Neverland de disciplina nazista, trabalhando na construção de soldados perfeitos ao melhor estilo *Nascido para Matar*, no segundo o tratamento dado por Padilha ao personagem segue por outros caminhos. Agora, Nascimento não é mais capitão, é coronel. Mais do que isso, é elevado à condição de Subsecretário de Segurança do Rio de Janeiro. Ou seja,

toda a histeria repressiva que ele comanda no primeiro filme, de tête-à-tête com bandido, irá dar lugar à descoberta dos meandros nefastos que vicejam na política. Esse é o primeiro estranhamento em relação ao mítico personagem: a constatação de que, até então, Nascimento não sabia que o sistema era (é) podre e que ser íntegro – mesmo em vista de uma integridade de valores discutíveis, como são os dele – é ser estúpido. Principalmente porque a história se passa em ano de eleição, quando o governador do Estado busca um segundo mandato. Para isso ele sabe que precisa apaziguar a onda de violência que assola as comunidades. É nesse cenário que entram em cena as milícias – o bando corrupto da polícia –, que, a despeito de enquadrar o tráfico, impõem sobre os moradores uma espécie de poder paralelo, cobrando deles propinas por suposta proteção.

O próprio Wagner Moura chegou a declarar que, enquanto o primeiro filme foi bastante modificado do roteiro à edição –, o que de certa maneira explica o frescor narrativo que atingiu, sobretudo na evolução do personagem André Matias – o segundo foi elaborado de forma precisa, sem intervenções não previstas. O que não deixa de ser uma forma de assumir nesse segundo filme certa pobreza em termos inventivos. A concepção do personagem Fraga, um ativista de esquerda – e, portanto, um

pseudoinimigo de Nascimento –, soa falsa como ponto de tensão e contraponto aos desdobramentos da trajetória do agora coronel. Porque, não bastasse o antagonismo ideológico, Fraga casouse com a ex-mulher de Nascimento, tornando-se, pois, padrasto do filho do subsecretário. *Tropa de Elite 2* tem, por certo, grandes momentos – Padilha é, afinal, bom diretor. A cena em que Seu Jorge interpreta um líder do Comando Vermelho detonando uma rebelião em Bangu 1 é hipnótica, memorável. No mais, é mais do mesmo: certo sensacionalismo na violência (com direito a bandido brincando com a ossada de uma vítima que incinerou) e alívio cômico em momentos estratégicos. Trata-se, em suma, de um projeto copiosamente pensado para “dar certo”. Não à toa, foi lançado com cerca de 700 cópias, número similar ao do blockbuster *Homem-Aranha*. Tal como Peter Parker, e ainda que à força, Nascimento também é pop.

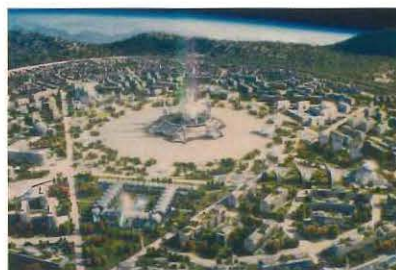
O filão espírita

Não há, aqui, inocência em se valer

do anacrônico discurso crítico sobre a vertente comercial do cinema – preocupa, apenas, que um projeto como *Tropa de Elite* tenha feito tal opção. Há outros movimentos na produção nacional em que o cinema comercial se justifica, ao saciar determinadas demandas reprimidas. Os cineperfis de personalidades conhecidas por trajetórias de superação, como os irmãos sertanejos de *2 Filhos de Francisco* ou o ex-torneiro mecânico de *Lula – O Filho do Brasil*, é um deles. Outro é o filão espírita, que já vinha se revelando um fenômeno no meio literário e que, neste ano, tomou de assalto as salas de cinema com duas produções impactantes: *Chico Xavier*, de Daniel Filho, e *Nosso Lar*, de Wagner de Assis. Especialmente no segundo caso, a aura de superprodução é real: o filme custou R\$ 20 milhões, tendo o requinte dos efeitos especiais feitos pela mesma empresa da fantasia *Watchmen*, e a direção de fotografia assinada por Ueli Steiger, de *O Dia Depois de Amanhã*. E a trilha sonora assinada por Philip Glass. Com tudo isso, *Nosso Lar* conseguiu levar

3,5 milhões de espectadores ao cinema; *Chico Xavier* tivera desempenho idêntico: 3,4 milhões.

Nenhum dos dois filmes se aprofunda na complexidade do universo de Chico Xavier – talvez porque não tivessem mesmo esse objetivo. Parecem ter sido feitos para captar os não iniciados no espiritismo, mas que se interessam em algum nível pelo tema; e apostando que, aos olhos dos verdadeiros espíritas, a própria visualização audiovisual das tramas de mediunidade seja suficientemente atraente. *Chico Xavier* faz uma espécie de perfil afetivo do médium, com um ator diferente para cada etapa de sua vida, contando, em paralelo, o drama de um casal que perdeu o filho. Já em *Nosso Lar* acompanhamos a jornada de um médico carioca no *post-mortem*. O que seria uma deixa oportuna para investir no tormento existencial do personagem ganha outro tratamento: o da verborragia didática dos valores da religião, além da glamourização da parte estética do filme, caracterizada pela predominância de tons brancos,



Filão espírita chega ao cinema: *Nosso Lar* e *Chico Xavier*, juntos, fizeram 7 milhões de espectadores

evocando o paraíso. A despeito de suas qualidades discutíveis, são filmes que contam com nichos de público certos. O livro homônimo em que *Nosso Lar* se baseia, por exemplo, já vendeu mais de 2 milhões de exemplares.

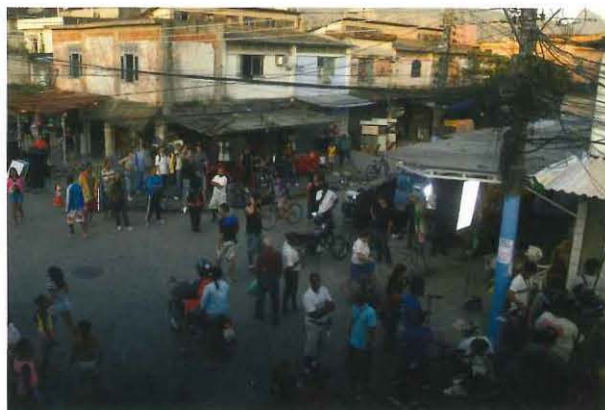
Em outra linha de abordagem, experiência a se aplaudir neste ano é o projeto *5 x Favela – Agora por Nós Mesmos*, coordenado por Cacá Diegues. Não se trata, como o subtítulo indica, apenas de um filme feito por gente saída das favelas – o que, por si só, já representaria algo grandioso. Às novas gerações que não sabem, o Cinema Novo – movimento dos anos 60 que se propunha a fazer filmes voltados para as questões sociais do país (tal como a *nouvelle vague* na França e o neorealismo na Itália) – já legara ao cinema nacional uma produção chamada *Cinco Vezes Favela*. O filme era composto por cinco episódios, cada um dirigido por um então jovem cineasta, entre eles Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman e o próprio Diegues. Passadas quase cinco décadas, a experi-

ência ganha uma espécie de revisão em que essa ponte conceitual estabelecida se mostra rica em significados.

Cabe falar em revisão, e não em remake, uma vez que há importantes diferenças na concepção de cada projeto. Embora no primeiro os cineastas envolvidos tivessem uma engajada preocupação com a tragédia social a que se propuseram retratar, eram abastados, saídos de uma classe média alta e que, por isso mesmo, abordaram a favela com um olhar de quem era de fora. No novo trabalho, a perspectiva é de dentro. Cacá e a esposa (e também produtora), Renata Magalhães, ministraram oficinas de roteiro, produção, fotografia, montagem e direção, de modo a forjar novos cineastas dentro das próprias comunidades. Talvez este seja o grande mérito de *5 x Favela – Agora por Nós Mesmos*: a experiência de democratizar o fazer cinematográfico a quem, normalmente, não teria acesso.

E, ainda que pouco importasse o resultado na tela, é possível reconhecer alguns talentos desde já. Em meio a al-

gumas abordagens edificantes, como a do garoto que quer presentear o pai com um frango, cansada que está a família em só consumir o básico arroz e feijão, destaca-se o episódio dirigido por Cadu Barcellos, intitulado *Deixa Voar*. Temos ali a aventura de um menino que, para recuperar uma pipa, precisa se enfiar numa área perigosa da favela. Eis uma visão impossível para alguém de fora, que, via de regra, entende a favela como um conceito único: o mundo que não é o dele, o mundo a ser evitado. Quando, na verdade, há na favela subdivisões como em qualquer conglomerado urbano – umas mais, outras menos hostis. E a trama de Barcellos nem é para tratar dessa geografia social do morro, mas do ritual de passagem do garoto que, ao se meter num terreno pouco convidativo, precisa enfrentar o medo – mas tendo como perspectiva de recompensa acessar a realidade de uma garota de sua escola. Um belo filme que, no entanto, não fez uma fagulha do alvoroço causado por *Tropa de Elite 2*. O que, esquizofrenicamente, talvez seja um bom sinal. ▽



*Exceto Foto/Davi Marcos.

Quase 50 anos depois, marco do Cinema Novo ganha “versão atualizada” em *5 x Favela - Agora Por Nós Mesmos*